

As implicações da poética urbana na formação do educando do ensino médio

Patrícia Vaz Pereira¹

Resumo

O presente texto trata-se de uma reflexão acerca do Estágio Curricular Supervisionado realizado no primeiro ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Coronel Pilar situado na Rua: Pinto Bandeira, 225 em Santa Maria – Rio Grande do Sul, (o qual se constituiu de dez encontros, com dois períodos cada, realizados de 4/10 à 13/12/2007), tendo em vista que a temática propulsora para o desenvolvimento dos planos de aula desta prática, na disciplina de Ensino das Artes Visuais foi a questão da Arte Contemporânea com ênfase nas implicações da Arte Urbana.

Palavras chaves: Ensino das Artes Visuais; Arte Urbana; Ensino Médio.

Abstract

This text is a reflection on the Stage Curriculum Supervised held in the first year of high school in State College Colonel located in Pilar Street: Pinto flag, 225 in Santa Maria - Rio Grande do Sul, (which consisted of December meetings, with two each, made of 4 / 10 to 13/12/2007), in order that the theme for propelling the development of lesson plans for this practice, the discipline of teaching the visual arts was the question of Art Contemporary with emphasis on the implications of Urban Art.

Key words: Teaching of Visual Arts; Urban Art; High School.

Este artigo discute a experiência do Estágio Curricular Supervisionado com foco no Ensino das Artes Visuais, sendo que o objetivo central desta proposta foi o de buscar uma maior aproximação do educando com a Arte atual, destacando às manifestações no espaço urbano e suas implicações na cultura e na sociedade considerando e valorizando o contexto do estudante e da escola. Para isso, decidimos partir das concepções do adolescente em relação a esses assuntos, de modo que no decorrer das aulas pudesse haver uma expansão destas, através da mediação e problematização pedagógica.

Durante os encontros, procuramos compreender quem são os sujeitos envolvidos no processo, suas dúvidas, idéias, conceitos e aspirações frente ao conhecimento da arte. Assim, a construção dos saberes ligados a esta área foi encaminhada no intuito de gerar o interesse e a curiosidade do adolescente, tanto pela experiência estética e prática, quanto pelo envolvimento teórico de maneira integrada. Foi proporcionado o contato e leituras crítico-reflexivas de imagens do campo da arte e da cultura visual, legitimadas ou não pelo sistema da arte.

Objetivou-se também alcançar a aprendizagem de conceitos e o conhecimento das tendências atuais em arte, tentando ampliar a visão que se tem de leitura de imagem,

¹ Autora da pesquisa. Bacharel e Licenciada em Artes Visuais. Especialista em *Design* para Estamparia. Email: patriciavazpereira@yahoo.com.br

partindo de uma exploração que fosse além da decodificação de elementos constitutivos da composição visual, trabalhando com base na interpretação, na reflexão e na criticidade.

As questões de pesquisa que nortearam o trabalho foram:

-É possível estabelecer relações entre assuntos referentes à Arte Contemporânea com o cotidiano dos educandos/adolescentes em formação?

-Qual é a percepção e quais são as concepções do adolescente do Ensino Médio acerca das manifestações presentes no espaço urbano?

No primeiro contato com os estudantes, em uma discussão acerca do que pensavam sobre o conceito de arte, de artista e se acreditavam que existia um lugar específico para a arte; algumas falas revelaram concepções já formadas em relação a esses pontos:

“a arte existe para embelezar a vida!”

“O artista é alguém que tem um dom para desenhar!”

“a arte está em todos os lugares”, “está nos museus..”, “a natureza perfeita é uma arte”

“eu acho que tem uns artistas que pensam que fazem arte, mas daí tu vais ver, são só uns borrões!...Eu já acho feio!”

“não vem me dizer que isso é arte!?!” (frente as imagens referentes a obra de Basquiat)

Percebe-se, muitas vezes, que os educandos têm uma noção de que a arte é algo distante, feito por gênios, relacionado ao belo e que se limita às linguagens tradicionais. Portanto, já no início do contato com a turma, notamos a necessidade de pensar meios de construir o conhecimento em arte, mediando propostas e assuntos que pudessem modificar ou ampliar a visão dos educandos em muitos aspectos, como por exemplo, a respeito da questão do “dom”, do “belo”, etc.

A falta de conhecimento dos adolescentes em relação a conceitos e produções mais atuais, pode ser justificada pelo fato de estarem acostumados com uma educação que enfatiza a arte no nível da expressão e da percepção formal, ou seja, que não ressalta tanto o conteúdo das obras e seus contextos culturais, sociais, sua capacidade de nos fazer pensar sobre a realidade em si.

Nota-se que a maioria dos estudantes entende que a arte é algo extremamente desconectado do seu cotidiano, feito por artistas - “gênios”, que dominam certas linguagens, e, que esses “seres” geralmente já não existem mais. Faz-se necessária uma reformulação acerca do que se ensina e se aprende sobre a arte a partir de uma visão

atualizada do ensino. A este respeito, Efland (2005) retoma a visão modernista, esclarecendo-nos sobre o que a educação contemporânea se propõe. Segundo ele,

A arte, na visão modernista, é extremamente *exclusiva*. Apenas determinadas pessoas com habilidade artística estão autorizadas a serem chamadas de artistas; logo, apenas elas são capacitadas para produzir formas de arte altamente originais.[...] No pós-modernismo a linha entre arte-eruditas e não-eruditas desaparece. Formas de arte sérias deixam de ser concebidas de acordo com *status* privilegiado. Ambas tornam-se disponíveis para a apreciação. [...] A arte-educação baseada numa definição pós-modernista está potencialmente conectada ao resto da vida. (EFLAND, 2005, p. 177)

O conhecimento e a valorização da cultura e da arte é algo que deve ser estimulado e construído numa dinâmica entre educador e educando. Ao educador cabe a tarefa de tornar os conteúdos atraentes e significativos, apontando a relevância destes para a vida do educando.

Quando os estudantes se depararam com imagens do trabalho do americano Spencer Tunick que utiliza corpos nus, de pessoas comuns, como objeto de seu trabalho artístico, posando em locais públicos de várias cidades do mundo, e, com algumas imagens publicitárias que exploram também a nudez, o espanto foi generalizado. A maioria dos adolescentes não aceitou tais propostas como um trabalho válido para ser pensado na escola. Assim, fica evidente que o que presenciamos hoje é o relativo distanciamento da grande massa em relação à produção recente, por ser difícil de ser compreendida. Discorrendo a esse respeito Nardin e Ferraro (2001), colocam que

...faltam, [...] ao nosso ensino experiências mais significativas com arte, com o uso de metáforas e com a interpretação simbólica do mundo. Situação que dificulta muito a leitura das produções contemporâneas, haja vista o jogo de sentidos que propõem ao espectador, por meio da metalinguagem, da citação, da apropriação, da incorporação, da contaminação, da intertextualidade, da parodia e/ou da crítica voraz as conformações do passado e da sociedade atual. O que pressupõe um espectador que detenha um repertório amplo de vivências culturais, a fim de que possa facilmente mergulhar nesse rico sistema de relações cambiantes. Repertório esse que sabemos não corresponder à realidade de boa parte do ensino brasileiro. (NARDIN e FERRARO, p. 211-212)

É notável que a experiência e o estudo sobre Arte Contemporânea raramente se dão de forma voluntária, exigindo, então, uma mediação problematizadora deste processo, a qual cabe ao educador.

Martins (2002), falando sobre o papel do professor na mobilização dos saberes artísticos e apontando a importância deste no espaço de mediação entre o objeto de conhecimento e o aluno, coloca questionamentos de grande valor, para pensarmos como temos ensinado arte hoje:

...como temos fabricado esses saberes? Abrindo espaço para a obra de arte na escola? Com leituras e releituras?[...] a arte entrou na escola?[...] que arte entrou na escola? Ou ainda, qual o olhar sobre arte que está na escola? Miró, Van Gogh, Picasso, Monet, Tarsila e Volpi? Pensariam os alunos que arte é apenas pintura e que todos os artistas já estão mortos? (MARTINS, 2002, p. 53-54)

Geralmente o que vem sendo discutido e apresentado enquanto arte, cultura na disciplina de Artes se restringe a produções eruditas, muitas vezes distanciadas da realidade dos estudantes.

Neste sentido, consideramos relevante incluir a Arte Contemporânea no Ensino da Arte, pelo fato de notar que as produções recentes, geralmente proporcionam uma diversidade de olhares e informações que podem dinamizar o contato do adolescente com o mundo e com as novas proposições que surgem a todo instante. A arte problematiza o que o indivíduo vivência em sua cultura.

Esta pesquisa de estágio não quis ignorar a importância de se trabalhar em aula os períodos históricos da arte, mas sinalizou a importância do desenvolvimento de conhecimentos em relação à Arte Contemporânea no Ensino Médio, também por tratar-se de uma realidade mais próxima no tempo e no espaço, para a maioria dos estudantes. A relação com produções atuais, além de estimular a criatividade e o olhar curioso, promove uma compreensão em relação aos momentos, fragilidades e problemáticas que a sociedade atual, globalizada vem passando. Apostamos que o entendimento reflexivo e o contato com as poéticas contemporâneas podem despertar no educando, uma postura mais crítica, menos acomodada frente à arte e ao mundo.

O processo de ensinar arte numa sociedade globalizada, onde a tecnologia transforma a cada momento os processos de informação e comunicação, afetando diretamente a vida e as relações entre as pessoas, requer reformulações, olhares atentos e inovadores. Conforme as transformações sociais e culturais, que vão sendo instauradas por fatores como o avanço tecnológico, a crescente industrialização, os meios de comunicação em efervescência, algumas questões impõem-se na atuação do educador.

Por volta dos anos 80, como consequência da forte inserção da mídia no cotidiano, juntamente com a imagem de obras de arte e o conhecimento sobre as trajetórias dos artistas, surge a necessidade de dedicar a atenção para a cultura visual que nos circunda. Hernández (2000), entre outros teóricos, passa a reforçar a importância de discutir, pensar e trazer a cultura visual popular para dentro da escola.

Instaura-se, assim, a urgência de serem desenvolvidos novos modos de ver e perceber a imagem, a partir da leitura da arte e do mundo. Estamos constantemente expostos a tantos tipos de mídias que tanto influenciam nas atitudes, no gosto dos indivíduos, nas formas de pensar, vestir, se relacionar, tão presente na vida de todos, e, especialmente na vida do educando adolescente em formação.

Vivemos rodeados por imagens de toda espécie. Estas atuam como mediadoras de significados e de valores culturais e sociais. Ao Ensino da Arte, impõe-se então, a necessidade de pensar meios de abordar esse universo de mensagens visuais com as quais convivemos. Nesse sentido, Hernandez ressalta que,

Prestar atenção a compreensão da cultura visual implica aproximar-se de todas as imagens (sem os limites demarcados pelos critérios de um gosto mais ou menos oficializado) e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-la no passado e no presente com finalidade de conhecer seus significados e como afetam nossas visões sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 50)

No caso desta experiência pedagógica, tentamos trazer a cultura visual para os debates em aula, trabalhando a exploração das imagens da rua; juntamente com leituras de imagens publicitárias; a possibilidade de aplicação do *grafitti* em produtos industrializados; abordando artistas e produções não legitimadas enquanto arte “oficialmente aceita”. Com isso, tentamos dissolver a possível noção de divisão entre a cultura erudita e a cultura popular.



Figura. 01. Prancha de imagens organizada pela pesquisadora e discutida em aula - "osgêmeos" (1, 3 e 10), Spencer Tunick (6 e 8), propaganda da Skol (4), propaganda ELLUS (2), pichação em muro SP (9), propaganda de cosméticos (7), grafiteagem anônima-UFSM-Santa Maria/RS (5)

Os conteúdos foram sendo articulados, a partir do tempo contemporâneo-atual, buscando fazer algumas relações com a História da Arte, quando surgia necessidade. Buscou-se "mesclar os tempos" relacionando épocas, produtores e discursos visuais, rompendo com a seqüência histórica linear, geralmente trabalhada na escola.

Para citar alguns momentos, em determinado encontro, foi trabalhada e discutida a trajetória e a produção de Jean Michel Basquiat e Andy Wharol, abordando a *pop art*, destacando a importância deste movimento e das idéias desses artistas num período (60/70) em que começava a se formar o que hoje chamamos de Arte Contemporânea.

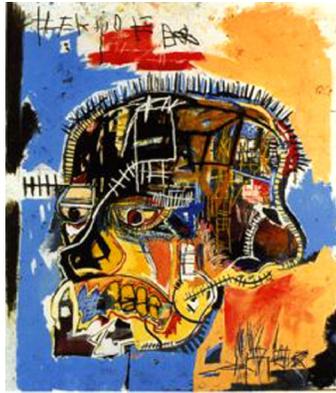


Figura.02.Skull- 1981 (Basquiat)



Figura. 03. Marilyn Monroe, 1967 (Wharol)

Nos encontros foram propostas diversas abordagens (a partir de textos e imagens) com intenção de estabelecer relações com artistas, que, atualmente vem desenvolvendo pesquisas com enfoques semelhantes ou não, como o grafiteiro José Augusto Capella (Zezão), Alexandre Órion (artista e designer paulista), Braziliano (grafiteiro santamariense), Claudia Loch (artista paranaense), "osgêmeos" (grafiteiros paulistas), Spencer Tunick (artista e fotógrafo americano) entre outros. Todos estes com a preocupação de romper com o tradicional na arte, propondo novas visualidades e novas possibilidades, visando a conexão e a aproximação entre obra-público-arte-vida, haja vista que é um dos propósitos da arte e da educação atualmente.

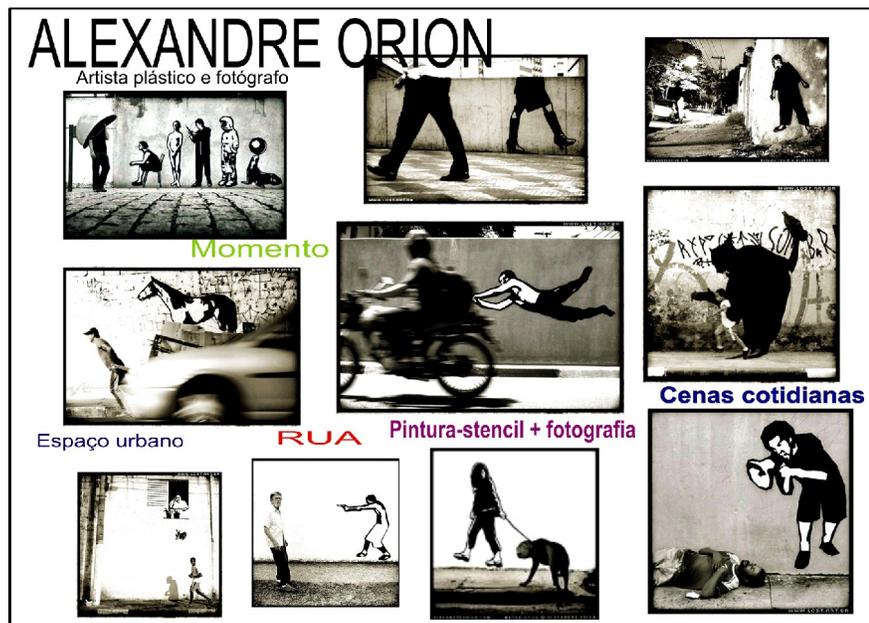


Figura. 04. Prancha de imagens produzida pela pesquisadora e discutida em aula - Alexandre Órion (artista e designer paulista)

Outro ponto importante, também considerado neste estágio, foi o respeito e a valorização da diversidade cultural, tentando abordar culturas geralmente pouco refletidas na disciplina de arte. Richter (2002) destaca que devemos estar atentos para a multiculturalidade que perpassa a Arte como um todo. Assim, faz-se urgente modificar algumas concepções limitadas e distorcidas sobre o Ensino da Arte. Essa mudança de pensamento, inicialmente,

...supõe ampliar o conceito de arte, de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo, de experiência estética. Somente desta forma é possível combater os conceitos da visão das artes visuais como "belas artes", "arte erudita", em contraposição a idéia de "artes menores" ou "artes populares". [...]A tendência no ensino da Arte, é produzir conceitos de Arte Modernista largamente aceitos nos meios acadêmicos. (RICHTER, 2002, p. 91).

A partir dessas concepções da autora (2002), buscou-se desenvolver com os alunos uma visão mais ampla da arte, levando ao conhecimento do aluno produções recente e textos na tentativa de diminuir alguns pré-conceitos em relação às manifestações presentes nas ruas, isto é, frente aos códigos visuais e estéticos da cultura visual cotidiana, produzidos por culturas não dominantes na mídia e no circuito da arte.

Buscou-se também, ampliar o conceito de arte de alguns alunos que inicialmente parecia fortemente ligado ao desenho e ao que é belo e agradável, tentando esclarecer que a arte atual "não reflete mais, como no passado, a imagem harmoniosa de um universo sublimado e colocado sob a transcendência de um belo ideal". (JIMENEZ, 1999, p. 298) e que no contexto contemporâneo não podemos classificar as produções em categorias fixas, no máximo podemos encontrar algumas tendências dominantes dentro de um grande número de vertentes e propostas muitas vezes contraditórias e desconexas. Buscou-se a compreensão de que a arte não é um fenômeno único, ela se transforma, conforme mudam os vários aspectos da sociedade.

Na busca de uma visão multicultural

A pesquisa teve como objeto de estudo as manifestações artísticas do espaço urbano e suas implicações culturais e sociais na formação do educando, estudando na maior parte do tempo a cultura do *grafitti*, que muitas vezes ainda é vista pela sociedade como uma "cultura menor".

Surgido no espaço urbano degradado de cidades dos Estados Unidos por volta dos anos 50/60 com o movimento hip-hop, sendo desenvolvido por grupos étnicos guetificados que o utilizavam como discurso social de protesto, de crítica social, de luta por espaço através de inscrições e imagens que foram aos poucos se disseminando por vários cantos do mundo, o *graffiti* é hoje uma atividade independente e vem ganhando espaço especialmente nos grandes centros. A falta de compreensão em relação a esta manifestação, enquanto parte da cultura visual, exista talvez, devido essa atividade, na maioria dos casos, ter a característica de rebeldia ao mercado de arte e a seus códigos de inserção pública, sendo feita em suportes de difícil conservação e praticamente invendáveis. É notável também, que o valor dos investimentos e o nível de regulamentação da arte urbana são desprezíveis se comparados com os da arte das galerias e museus. Esse processo cria um afastamento ou estranhamento da maioria das pessoas, que por sua vez também não foram educadas a perceber tais propostas como expressão artística, integrante da cultura.

Portanto, tratar do graffitismo e do pós-graffiti², que destacamos como manifestação que tem grande visibilidade no cenário urbano implica trabalhar com uma questão bastante complexa no que se refere à visão da sociedade e a valorização dessa modalidade expressiva no âmbito artístico-cultural.

Assim, para que esse tema fosse desenvolvido com significação no processo do ensino/aprendizagem, foi preciso considerar a importância de trabalhar com base num enfoque pedagógico crítico da arte e da cultura, sendo que, conforme Franz (2003).

Essa abordagem nos leva a revisar os próprios preconceitos sobre o que entendemos como arte e cultura, sobre a finalidade da educação e a questionar sobre a quem beneficia e a quem prejudica a visão de mundo que a arte representa, que interesses defende e quais nega, além de discutir noções de democracia e tolerância. A educação para a compreensão crítica visa em última instância a educação para a cidadania. (FRANZ, 2003-REVISTA PÁTIO)

² *Pós graffiti* ou *Street Art* é um conceito recente, e ainda bastante em aberto. Trata-se de intervenções feitas na cidade, principalmente à base de stickers, stencils, posters ou até através da colagem de azulejos. São técnicas e suportes que abrem várias possibilidades. Para alguns é a extensão do *graffiti* tradicional, já para outros, oriundos de áreas como o *design* ou a ilustração o *Pós graffiti* têm pouca ligação ao *graffiti* tradicional. A fronteira entre o *graffiti* "tradicional" e a street art acaba por ser bastante tênue. (BREVE GLOSSÁRIO DA CULTURA DO GRAFFITI, 2008. Disponível em: <http://www.artgraffiti.net>)

Acreditamos que o educador necessita estar ciente da diversidade cultural que constitui a escola e a sociedade, e a partir disso elaborar propostas sabendo valorizar, sem nunca negar, nem subjugar as diversas culturas existentes. Assim, “a interculturalidade como aprofundamento de uma postura multicultural, propõe a construção do conhecimento como interação e inter-relação de saberes entre diferentes culturas que pulsam em nossa sociedade. [...]” (AZEVEDO, 2002, p.97)

A educação contemporânea exige uma abordagem abrangente. Atenta à realidade circundante e conectada a vida, valorizando a pluralidade e a diversidade que caracteriza o viver atual, ligando a isso um compromisso maior com a cultura popular, a cultura de massa, a estética do cotidiano, a cultura local da escola e da comunidade. A visão multiculturalista do ensino tem o compromisso com a valorização da diferença, o intercâmbio e o respeito entre diferentes culturas, raças, ideologias, classe social, gênero, religião, etnias, etc.

Por que a linguagem do urbano?

Sendo a escola, situada em zona urbana, buscou-se abordar as manifestações que permeiam a cidade, estabelecendo relações dentro da História da Arte, promovendo diálogos com artistas locais e propondo atividades voltadas para as questões da arte urbana de modo amplo. Levemos em conta que,

A cidade é um sistema semiótico, é um espaço geopolítico de ordenação de signos num território de convivência coletiva e do encontro das diferenças, quer sejam sociais, religiosas, políticas, ideológicas ou culturais. A cidade nasce da presença dos cidadãos num território de troca de mercadorias, bens materiais, e de troca de códigos, bens ideológicos. A cidade vive da participação de seus habitantes, que se confrontam e trocam seus fazeres cotidianos. Não há cidade sem cidadãos, assim como não há cidadãos sem cidade, isto é, sem troca de mercadorias, de desejos, de comunicação. Compreender uma cidade significa viver essa cidade, habitar nela, circular por ela, depositar desejos, imprimir códigos, participar (...). (RAMOS, 2005)

A partir das palavras de Ramos (2005), consideramos relevante no ensino, trabalhar a construção do conhecimento dos sujeitos envolvidos chamando atenção para seu entorno, ou seja, o contexto da cidade enquanto ambiente visual ativo no qual estão inseridos. Estudar as imagens da cultura visual urbana é adentrar a cidade a partir de planos do imaginário dos habitantes do lugar.

A cidade de Santa Maria/RS vem sofrendo um processo de intervenções urbanas (realizadas por pessoas com formação em arte ou autodidatas); além da forte presença

de bancas de artesanato nas ruas, que constituem a estética da cidade, o que cria uma identidade visual específica para este lugar.

O espaço público vem sendo tomado por um universo de imagens, tipografias, e mensagens visuais de toda ordem, produzidas por diversos grupos de pessoas, as quais compõem o que denominamos de grafitagem, pichação, e, mais recentemente, algumas dessas manifestações, encaixam-se no conceito de pós-*grafitti*. Decidimos, então, voltar nosso olhar para esses registros visuais da cidade, como ponte para desenvolver vários assuntos em aula, como a legitimação da arte, a visão da sociedade frente a essas marcas impressas nas ruas, entre outros tantos.

A educação e o ensino da arte podem construir bases, apontar caminhos para a construção para a compreensão crítica desse universo imagético que a cidade produz, incitando a curiosidade e a interpretação frente à amplitude da cultura visual que se coloca no nosso dia-a-dia. Acerca dessas questões Buoro (2003) acrescenta-nos:

A imagem ocupa um espaço considerável no cotidiano do homem contemporâneo. Livros, revistas, *outdoors*, internet, cinema, vídeo, teve, [...] produzem imagens incessantemente, quase sempre a exaustão e diante de olhares de passagem. Faz-se necessária uma tomada de consciência dessa presença maciça, pois pressionados pela grande quantidade de informação, estabelecemos com as imagens relações visuais pouco significativas. Espectadores frequentemente passivos, temos por hábito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo, [...].(BUORO, 2003, p 34)

Nesse aspecto, acreditamos que um dos objetivos dessa pesquisa foi alcançado, sendo que nos últimos encontros do estágio, foi solicitado um trabalho teórico/prático, onde duplas de estudantes deveriam observar e coletar imagens percebidas por eles nos espaços da cidade, e, registrar as que considerassem mais significativas, fazendo uma reflexão pessoal acerca do que viam, relatando e discutindo com o grande grupo o sentido atribuído a essas mensagens visuais, com as quais cruzam em seus trajetos diários. A seguir alguns registros fotográficos e percepções do grupo A:



Figura. 05 Imagem capturada com câmera digital - no centro de Santa Maria-RS pelos educandos do grupo A

“Uma pessoa jogando ao lixo a Cruz Grega, pois têm as pontas viradas no sentido contrário; essa significa boa sorte na antiguidade. Mas a que era pra ser, era a Nazista que é ao contrário. Logo o significado de tudo, não é apenas uma crítica para o nazismo, e sim para todas as pessoas que carregam em si todo o tipo de preconceito ou opressão aos pensamentos e maneiras de vida de outra pessoa.” (reflexão do grupo A acerca da imagem)



Figura. 06 Imagem capturada com câmera digital - no centro de Santa Maria-RS, pelos educandos do grupo A

“Não sou mercadoria! E você, é? Pense, mas certamente a resposta será não. Mas, o que você está usando agora? Que coincidência, tem mais 20 usando! Seu refrigerante predileto era o guaraná, até seu namoradinho dizer que adora coca-cola. Bom, me desculpe dizer, mas você é sim mercadoria, mercadoria do sistema, o sistema que gera o inferno que vivemos hoje. Onde todas as garotas belas são “aquelas” e as feias, são “aquelas”; onde aquilo é bom, e aquilo, é ruim. Por causa dessas definições é que há muitas mortes hoje em dia. Porque eu também quero ter o “tenizinho da hora”! Afinal de contas, eu sou mercadoria!”(reflexão do grupo A acerca da imagem)”.



Figura. 07 Imagem capturada com câmera digital - no centro de Santa Maria-RS, pelos educandos do grupo A

“Não muito difícil de notar, um controle remoto na cabeça de uma pessoa, de muitas pessoas, que hoje em dia são presas a esse controle remoto. Também conhecido como mídia, moda e em um mundo onde tudo se copia, tudo de errado, claro. Onde pessoas se deixam levar pelo que o outro pensa ao invés de viver como se sente bem, fazendo, vestindo, comendo, bebendo, na sua

aparência, e até mesmo as maneiras de falar e agir são conforme os outros vêem. Não só aqui em Santa Maria, mas creio que em todo o mundo. Não sou perfeito, nem quero ser, graças a Deus também ganhei um cérebro, uma cabeça, um corpo, e seja como for, é meu.” (reflexão do grupo A acerca da imagem)

Analisando os dados da pesquisa, percebe-se que esses adolescentes alcançaram uma capacidade interpretativa e crítica, ao escolher tais imagens e na reflexão a respeito das mesmas. A postura dos educandos e o olhar sobre as pinturas feitas com estêncil espalhadas na cidade, ultrapassou a leitura formal, adentrando no conteúdo do que se vê, mostrando que o grupo conseguiu relacionar fragmentos da cultura visual da rua, com questões e preocupações bastante atuais, percebidas por eles, como o consumismo, a superficialidade, o preconceito, entre outros aspectos que permeiam o viver contemporâneo.

Na educação para a compreensão crítica, ler uma imagem pressupõe derrubar a abordagem formalista e esteticista, esmiuçando seus sentidos, passando pelos vários âmbitos de compreensão (histórico/antropológico; estético/artístico; biográfico; crítico; social). Dessa forma, o leitor sairá do nível ingênuo de interpretação e expandirá suas concepções e seu olhar para além do senso comum. (FRANZ, 2003).

Se o adolescente for convidado a pensar nas implicações do presente, mesmo que sejam situações conflituosas e/ou complexas, de modo a articulá-las às suas impressões diante do mundo, através da arte, ele próprio irá sentir-se interessado e autônomo na sua descoberta em arte, porque não serão assuntos isolados da sua vida, de seu tempo e de suas preocupações. Martins (2002) nos diz que “trabalhar conceitos, conteúdos e procedimentos e propor tarefas, é trabalhar na fogueirinha do desejo do aprender” do educando. (MARTINS, 2002, p.59). Isso implica em compreender a fase de vida, os interesses e o contexto do qual faz parte este jovem.

Pensando nisso, esta proposta tentou abrir possibilidades para a compreensão de um universo visual familiar do adolescente, aproximando-o também de situações nem tão familiares, como as implicações da arte recente, que julgamos muito importante na sua formação enquanto sujeitos sociais e para o entendimento do mundo e de seu contexto.

A proposta deste estágio esteve atenta à questão do multiculturalismo, buscando entre outros pontos, promover uma abertura para o conhecimento de culturas de periferia, enquanto expressões significativas do homem, associando à momentos da História da Arte e a artistas da contemporaneidade. A educação multicultural e intercultural objetiva

trazer para as discussões as realizações de culturas não dominantes, oportunizando o contato com os outros mundos, valorizando a riqueza cultural humana.

Os novos paradigmas do Ensino da Arte contemporâneo apontam para uma prática que esteja comprometida com a perspectiva cultural e histórica, com a valorização do repertório cultural do educando, a ênfase no respeito e no interesse pelas múltiplas culturas, ressaltando também a inclusão das chamadas "sub-culturas", com um olhar aberto, interdisciplinar e contextualizado. Abordar o *grafitti* como expressão cultural, que desde suas origens foi considerado uma manifestação das minorias pobres, foi algo interessante para as reflexões em aula, pelo fato de ser polêmico e por ser encarado pela maioria da sociedade como manifestação subversiva, transgressora e negativa.

Num contato inicial com o tema, as opiniões eram diversificadas: alguns alunos manifestaram interesse; outros revelaram preconceito, descaso, em relação a essas criações, dizendo que *"estragam, sujam a cidade!"*, *"é legal porque é uma arte livre!"*, *"coisa de marginal"*, *"quando tiver uma mensagem pra dizer, eu gosto, mas se for pichação por pichação, não tem por que!"*, *"tem que manjar a técnica, senão só estraga o muro!"*, *"a maioria é maconheiro!"*

A arte nas ruas sempre esteve de uma forma ou de outra, relacionada à transgressão. Durante muito tempo, e ainda no presente, *"fazer grafitti"* sobre locais privados e/ou espaços públicos da cidade, sem autorização, trata-se de uma ação ilícita, tanto no que se refere a ir contra a lei de apropriação indevida dos espaços, quanto ao fato de ser uma arte autônoma e descompromissada com o circuito oficial da arte, carregando, assim, o estigma de *"arte menor"*, feita por *"pseudo-artistas"*.

Quando se menciona a palavra grafite, uma das primeiras questões que se levanta é se ele tem que ser marginal (ou seja, feito de forma ilegal e à noite). Mesmo para quem pertence ao movimento, é difícil responder a essa questão. Em primeiro lugar porque o grafite, como movimento, nasceu de uma manifestação política (...) e não tinha a intenção plástica, nem o caráter institucional. Reprimido desde seu início e mantido sob a forma marginal, o grafite incorporou elementos plásticos e conteúdos psicológicos (...). No início seu autor agia de forma clandestina e, depois de conhecido, passou a atuar no movimento da livre figuração, saindo do anonimato e da clandestinidade. Assim, muitos grafiteiros acabaram ganhando uma fama inesperada e rápida, até chegar às galerias de arte e revistas especializadas (...) é difícil estabelecer um critério rígido entre o permitido e o marginal. Também não se deve achar que uma repressão forte e eficaz pode "livrar" a sociedade desses acontecimentos. Ao contrário, é preciso tratar os grafites como linguagem e, portanto, como algo passível de interferência e análise. (LARA, 1996)

Utilizando como recursos didáticos alguns vídeos, onde artistas, pichadores, professores universitários, uma filósofa e habitantes de São Paulo discorreram sobre o fenômeno do grafitismo e da própria pichação, pontuando aspectos de sua origem histórica, sua significação e relação com o contexto contemporâneo, aos poucos, foram sendo quebradas algumas barreiras e dificuldades no que tange a percepção dessas manifestações. Um dos propósitos desta pesquisa de estágio foi tratar do *grafitti* como uma forma de comunicação urbana. O *grafitti* como expressão estética e também como um movimento social, característico das grandes cidades contemporâneas.

Imagens diversas foram estudadas em aula, incluindo algumas produzidas por artistas que atuam no espaço de Santa Maria/RS, como: Braziliano (grafiteiro), Régis (artista em formação pela UFSM) e Cláudia (artista graduada pela UFSM). Em visita até a UFSM, foi possível um diálogo com os artistas que expuseram suas pesquisas recentes. Braziliano mostrou registros fotográficos de sua última proposta de intervenção: “os famosos robôs, que habitam” Santa Maria na atualidade. O grafiteiro comentou que, “*ao contrário do que a sociedade pensa; ele não tem a intenção de transgredir nada, nem fugir da polícia, nem de ninguém! Gostaria de ser livre para criar e deixar minhas mensagens, meus pensamentos por aí...*” relatou também que os robôs vêm “falar” e criticar nossa vida mecanizada, a rotina, a correria do dia-a-dia. Fazemos tudo igual todos os dias, e nem percebemos. Os robôs são um misto de humano e máquina.



Figura. 08 Braziliano interferindo na Rua Astrogildo de Azevedo - Santa Maria/RS (foto e trabalho de Braziliano-<http://www.fotolog.com/braziliano>)



Figura. 09 Robôs-Praça Saldanha Marinho - Santa Maria/RS (foto e trabalho de Brasileiro-<http://www.fotolog.com/braziliano>)



Figura. 10 Robô-Rua Vale Machado -Santa Maria/RS (foto e trabalho de Brasileiro-<http://www.fotolog.com/braziliano>)

Silveira (*In* LARA, 1996) faz uma abordagem dos signos das imagens do *grafitti* sob o ponto de vista da experiência nômade e das relações dessa atividade com o imaginário lúdico urbano que parece vir ao encontro do que propõe Brasileiro com suas interferências imponentes e multicoloridas impressas em tapumes, prédios, muros, lixeiras, etc.

A experiência do grafite permite pensá-la como espaço de circulação desejante. Ao lançarem-se em deriva percorrendo as madrugadas pelo simples 'barato' de pichar muros, ao interferirem esteticamente na paisagem produzindo imagens anônimas, frases, desenhos multicoloridos que parecem dar certo charme à cidade - contraponto lúdico ao cinza-poluição, à monotonia do cotidiano, ao mau humor metropolitano, à pressa capitalista -, os grafiteiros mostram que é possível perder tempo na grande cidade, não na paranóia dos congestionamentos, mas saborosamente, na

experiência intensa do investimento lúdico, na elegia do banal. Silveira. (In LARA,1996)

Abordar elementos da cultura visual urbana, sendo o local onde moram e transitam os educandos, foi algo que teve bastante significação, sendo possível ampliar a visão de alguns estudantes que relataram praticar a pichação. A partir disso trabalhou-se com a turma, entre tantos assuntos, os limites entre o vandalismo e a arte, conteúdos atitudinais, procedimentais, factuais, conceituais, segundo Zabala (1998). Ao final do percurso, acreditamos que foi algo que enriqueceu os encontros e despertou motivação por parte da maioria do grupo. Martins (2007) infere que as imagens, sob esse enfoque

...são tratadas como espaço de interação com os indivíduos, criando possibilidades de diálogo e interpretação. Assim, a cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura, colocando em perspectiva diferentes contextos culturais como espaços híbridos povoados pelas silhuetas de nossas presenças e identidades. (MARTINS, 2007)

Nesta pesquisa, a poética da cidade, serviu como um meio para falar de Arte Contemporânea. A abordagem implicou no estudo e leitura de construções poéticas que usam o espaço urbano como elemento e/ou como suporte, pensando na apropriação do espaço da cidade como fator integrante e inseparável das manifestações, onde estão diluídos os limites entre o espaço da obra de arte e do espaço externo a ela, onde obra/ambiente/observador são partes de um mesmo sistema. Foi discutido, entre outros assuntos, o uso desse espaço não simplesmente como um lugar que apresenta imagens e intervenções artísticas, mas como articulador de relações entre a arquitetura, o passante e o tempo, sempre em processo dinâmico e em transformação.

A intenção foi a de gerar novos modos de perceber a realidade a nossa volta. Foi desestabilizar algumas concepções fechadas acerca da arte, mesmo que a partir do estranhamento e da negação inicial diante de imagens e assuntos relacionados à contemporaneidade.

Tendo em vista que os educandos são resultados de contextos culturais concretos e que trazem consigo certos valores determinados pelo seu lugar de origem e suas vivências sócio-culturais anteriores, esse projeto pretendeu proporcionar um olhar sobre a realidade destes sujeitos, seus costumes, seus desejos e também as suas limitações, visando o aprofundamento e crescimento das noções sobre o conhecer e sobre a experiência do fazer. Com isso buscamos contribuir na formação de sujeitos autônomos, criativos e indivíduos mais críticos. Conhecendo mais a fundo, seu meio, o adolescente se

sentirá mais seguro para participar ativamente dele, criando pontes entre as questões da Arte e da sua própria vida diária.

Desafios instigadores, como intervenções que 'cutucam' o aprendiz fazem parte da ação docente mediadora. [...] as múltiplas transmissões e comunicações produzidas entre mestre e aprendiz no fazer e fruir Arte precisa de espaço e tempo, de escuta silenciosa do educador e espaço de fala dos aprendizes. Sem esta ponte não será possível dialogar, fazer escolhas, decidir, produzir, cultivar cultura, nem alimentar as "fogueirinhas", [...]. Ainda olhamos muito pouco a produção de nossos aprendizes; ainda escutamos muito pouco o que permitimos que eles nos digam. Por isso mesmo, o saber cultural de Arte dos alunos articulado as mais largas, da humanidade, é que deve mobilizar mediações docentes para inventar tarefas, criar exercícios de exploração, imaginar temas, ousar propostas inovadoras. O mais difícil é seguir a viagem do aluno, compartilhando suas dúvidas, nutrindo suas faltas, incentivando o registro de sua reflexão. (MARTINS, 2002, p 58-59)

Com as colocações de Martins (2002), finalizo este texto com a sensação de que ainda há muito por fazer mas, com a convicção que o estágio foi um passo fundamental na minha descoberta e formação enquanto educadora, no sentido de conhecer-me nas minhas limitações, erros, medos e dúvidas, na experiência prática, de modo a influenciar minhas ações e projetos futuros nessa caminhada docente.

A trilha para tornar-se educador é algo dinâmico, que vai se configurando num processo de transformações, na relação com os colegas (de formação e de profissão) e com os próprios estudantes, o qual se desenvolve ao longo de uma trajetória incerta, cheia de surpresas e na convivência com o diverso, o inesperado, o estranho.

Referências

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. Multiculturalidade e um Fragmento da História da Arte/Educação Especial. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 95-104.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam** - a leitura de imagem e o ensino da arte. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

EFLAND, Arthur D. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num mundo Pós-Moderno. *In*: GUINSBURG, J; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). **O Pós-Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.173-187.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da Arte**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2003.

_____. O que significa interpretar criticamente uma obra de arte? **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artes Médicas. Nº 28. Novembro, 2003.

HERNÁNDEZ, **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo-RS: Unisinos, 1999

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002, p.49-60.

NARDIN, Heliana Ometto; FERRARO, Mara Rosângela. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. *In*: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001, p.180-224.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Referências Digitais

BREVE GLOSSÁRIO DA CULTURA DO *GRAFITI*, 2008. Disponível em: <http://www.artgraffiti.net>. Acesso em 12 /9/ 2007.

LARA, Arthur H.. - **Arte Urbana em Movimento**. Mestrado, Depto. de Comunicações e Artes, ECA USP, 1996 Disponível em:
<http://www.artgaragem.com.br/grafite/>> Acesso 20 /10/2007.

MARTINS, Raimundo. **Educar com Imagens: múltiplos tempos e interpretação.** Artigo publicado no Boletim Arte na Escola nº 45, Abril de 2007. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=70. Acesso 21 /11/2007.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Poéticas do Urbano-Ponto de Partida.** Disponível em: <http://pages.udesc.br/~poeticasdourbano>. Acesso em 10 /10/ 2007.